

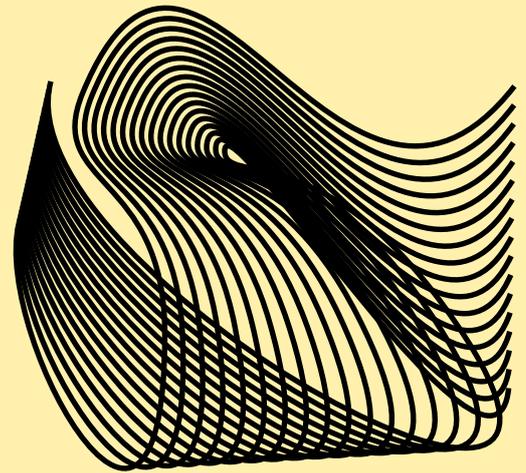
UFRJ  ie.
instituto de economia



LAESER

Laboratório de Análises Econômicas, Históricas,
Sociais e Estatísticas das Relações Raciais

TEMPO EM CURSO



Publicação eletrônica mensal sobre as desigualdades
de cor ou raça e gênero no mercado de trabalho
metropolitano brasileiro

Ano VI; Vol. 6; nº 11, Novembro, 2014

(Os pretos & pardos e a recente redução
da pobreza no Brasil)

ISSN 2177-3955

Sumário

1. Apresentação
 2. Os pretos & pardos e a recente redução da pobreza no Brasil
 3. Evolução do rendimento habitual médio do trabalho principal
 4. Evolução da taxa de desemprego aberto
 5. Evolução da taxa de desemprego por grupos de idade
- Anexo. Síntese estatística: indicadores representativos sobre desigualdades de cor ou raça no mercado de trabalho brasileiro

1. Apresentação

Com o presente número, o **LAESER** está dando continuidade ao boletim eletrônico “Tempo em Curso”, já em seu sexto ano de existência. Os indicadores desta publicação se baseiam em duas fontes principais. A primeira delas é a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgada em formato de microdados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu portal (www.ibge.gov.br). A segunda fonte de dados é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), fornecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), também divulgado em formato de microdados em seu portal (<http://portal.mte.gov.br>). Ambas as bases são tabuladas pelo **LAESER** no banco de dados “Tempo em Curso”.

O “Tempo em Curso” se dedica à análise da evolução dos indicadores do mercado de trabalho nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras cobertas pela PME. Da mais ao Norte, para a mais ao Sul, estas são as seguintes: Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

Como já é habitual, a presente edição comenta a evolução dos indicadores de rendimento médio do trabalho principal e da taxa de desemprego, assim como traz uma análise comparativa dos dados da taxa de desemprego por grupos de idade. Todos os indicadores de mercado de trabalho contidos no anexo estatístico deste boletim se encontram desagregados pelos grupos de cor ou raça e sexo, e são referentes ao intervalo de tempo compreendido entre setembro de 2013 e setembro de 2014.

O tema especial da edição de novembro do “Tempo em

Curso” investiga a evolução dos índices de extrema pobreza (algumas vezes também chamado de indigência ou miséria) e de pobreza para a população branca e preta & parda, entre os anos de 2003 e de 2013.

Nos últimos meses, a partir da recente divulgação dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE de 2013, referentes ao último ano da série, diferentes órgãos de pesquisa e meios de comunicação levantaram o debate sobre uma possível retomada do crescimento da miséria e da pobreza entre a população brasileira.

O objetivo de presente estudo é justamente refletir sobre o comportamento destes indicadores, desagregando-os segundo os grupos de cor ou raça da população residente no Brasil.

2. Os pretos & pardos e a recente redução da pobreza no Brasil (gráficos 1, 2 e 3)

2.a. Considerações metodológicas

No Brasil, assim como em todo o mundo, existem diversas metodologias para se calcular a linha de pobreza e de extrema pobreza. Algumas são determinadas a partir do valor do Salário Mínimo, enquanto outras tentam estimar o custo de vida real da população, através do cálculo do valor de uma cesta de alimentos capaz de suprir as exigências calóricas mínimas dos seres humanos. Há ainda aquelas que estabelecem uma medida de pobreza relativa aos níveis de vida de toda uma população, tais quais as linhas que definem como pobres aqueles que possuem menos de 50% ou 60% da mediana da renda populacional total¹. Algumas metodologias procedem tomando por base um único valor de referência para todo o Brasil, ao passo que outras desagregam as linhas de pobreza e extrema pobreza pelas regiões do país.

Naturalmente, este conjunto de definições parte de pressupostos conceituais e metodológicos distintos. E, como tal, inevitavelmente, acabam gerando diferentes resultados.

Em 2011, através do Decreto nº 7.492, de 2 de junho de 2011, o Governo Federal instituiu o *Plano Brasil Sem Miséria*, “com a finalidade de superar a situação de extrema pobreza da população em todo o território nacio-

¹ As linhas de 50% e 60% da mediana da renda total são frequentemente adotadas pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A mediana da renda é o valor que, uma vez que as rendas estejam ordenadas da mais baixa até a mais alta, separa a metade superior das rendas da metade inferior.

nal, por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações” (art. 1). No Decreto presidencial é fixada uma nova linha de extrema pobreza, correspondente a um valor da renda familiar per capita mensal igual ou inferior a R\$ 70,00². O valor da linha de pobreza é estimado no dobro do valor do recorte da extrema pobreza (ou seja, R\$ 140,00 em junho de 2011)³.

Portanto, baseado na atual definição governamental sobre o que pode ser considerado um indivíduo abaixo ou acima do estágio da pobreza ou da extrema pobreza, nesta edição do “Tempo em Curso” é calculada a evolução da proporção de pobres e extremamente pobres da população residente no Brasil segundo os grupos de cor ou raça. Os indicadores foram tabulados a partir dos microdados da PNAD entre os anos de 2003 e de 2013.

Conforme instituído pelo Decreto nº 7.492, o cômputo da proporção da população abaixo da linha de miséria e de pobreza foi realizado pelo critério do rendimento médio familiar per capita. Por rendimento médio familiar per capita compreende-se o quociente entre a soma dos rendimentos mensais de todas as fontes de uma determinada família e o número de pessoas que compõem a mesma família. Esta conta exclui, no lado do numerador, o rendimento das pessoas menores de 10 anos de idade, bem como o rendimento de pensionistas, empregado doméstico e seus parentes residentes no mesmo local. Já no lado do denominador, o número de pessoas da unidade familiar não engloba, mais uma vez, os domiciliados através do pagamento de pensão para residir naquele dado local e os empregados domésticos e seus respectivos parentes

O cálculo dos indicadores de pobreza e extrema pobreza é realizado através da comparação entre o rendimento médio familiar per capita e o valor de referência instituído pelo *Plano Brasil Sem Miséria*.

Em junho de 2011, o Governo Federal instituiu um teto de R\$ 70,00 para identificar as pessoas abaixo da linha de pobreza extrema. Em abril de 2014, este valor foi revisto e atualizado para R\$ 77,00 tendo sido corrigido pela inflação do período. Neste estudo, o valor de R\$ 70,00, de junho de 2011, foi deflacionado pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) para valores do mês de setembro de cada ano da série 2003-2013, de forma a permitir uma comparação mais aprimorada

entre as variações do número de pobres e extremamente pobres nos anos considerados.

Finalmente, é importante ressaltar que a proporção de pessoas abaixo da linha de pobreza e de miséria foi calculada excluindo-se do total da população os indivíduos que não declararam o próprio rendimento mensal familiar aos entrevistadores do IBGE.

2.b. População abaixo da Linha de Indigência de acordo com o critério do Plano Brasil Sem Miséria

No ano de 2003, 10,7% da população brasileira (cerca de 18,5 milhões de pessoas) encontrava-se abaixo da linha da extrema pobreza. Dez anos depois, em 2013, a proporção de extremamente pobres era de 4,9% (por volta de 9,4 milhões de pessoas), registrando o indicador uma queda de 5,8 pontos percentuais.

Desagregando pelos grupos de cor ou raça, observa-se que, em 2013, o percentual de brancos abaixo da linha de miséria era de 3,2%. Em 2003, esta proporção era de 6,2%. Já entre os pretos & pardos, o peso dos extremamente pobres passou de 15,5%, em 2003, para 6,4%, em 2013.

Portanto, em termos relativos, o ritmo de redução da população abaixo da linha de indigência foi mais acentuado entre os pretos & pardos do que os brancos. Entre os primeiros, o indicador declinou 49,1%, entre os segundos, 59%.

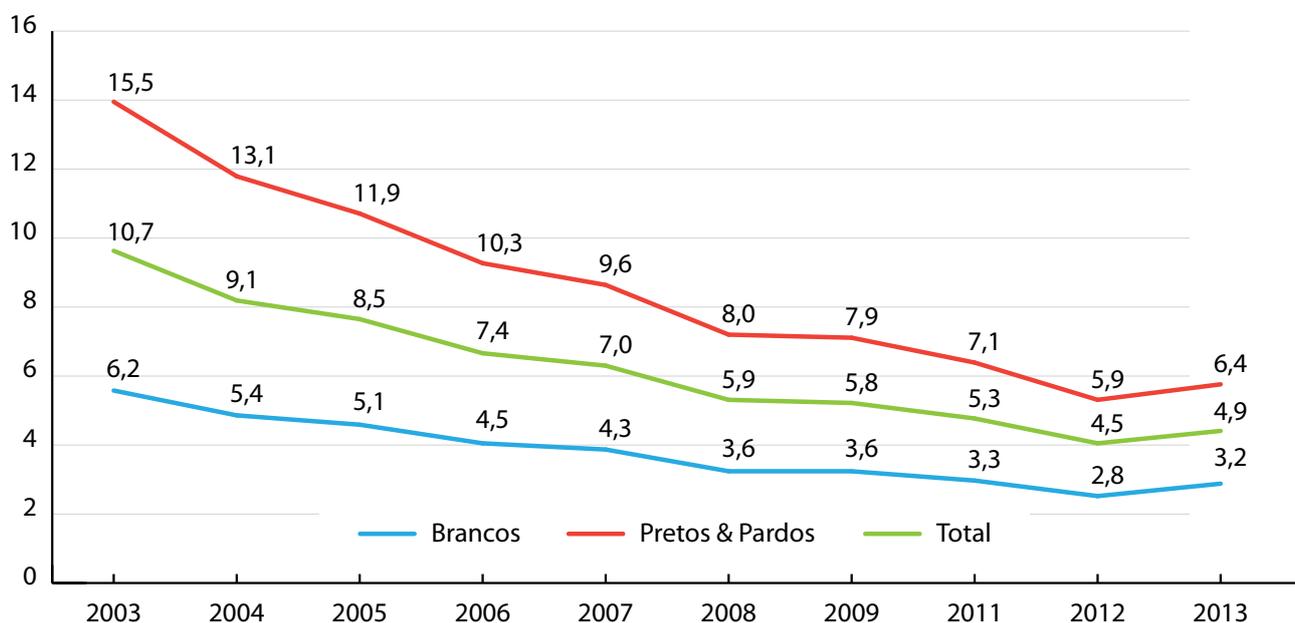
Medindo estas correspondentes evoluções em termos de pontos percentuais, mais uma vez observou-se que a taxa de extrema pobreza decresceu 9,6 pontos percentuais entre a população preta & parda, e 3,5 pontos percentuais, entre a branca. Desta forma, na análise dos dados segundo este último enfoque, verificou-se encurtamento das assimetrias entre pretos & pardos e brancos: de 9,3 pontos percentuais, em 2003, para 3,2 pontos percentuais, em 2012.

Segundo os dados da PNAD, na comparação das informações dos anos de 2012 e de 2013, a proporção de extremamente pobres junto à população residente no Brasil voltou a crescer, elevando-se em 10%. Contudo, o aumento da indigência foi mais acentuado entre os brancos, com elevação de 15% (ou, em 0,5 ponto percentual), do que entre os pretos & pardos, que obtive-

² Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7492.htm.

³ O Decreto nº 8.232, de 30 de abril de 2014 atualizou o valor da linha de extrema pobreza para valores de renda familiar per capita mensal de até R\$ 77,00. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8232.htm#art4

Gráfico 1 - População abaixo da Linha da Extrema Pobreza, de acordo com o Plano Brasil Sem Miséria, segundo os grupos de cor ou raça, Brasil, 2003-2013 (em %)



Nota 1: Valores de referência do Decreto nº 7.492, de 2 de junho de 2011, que institui o Plano Brasil Sem Miséria, deflacionados para o mês de setembro de cada ano da série.
 Nota 2: Para o cálculo foi utilizada a renda mensal familiar per capita, assim como definido no Art. 2º, par. único, do Decreto nº 7.492.
 Nota 3: Foram excluídos os indivíduos sem declaração de renda mensal familiar per capita.
 Nota 4: A população total inclui as pessoas de cor ou raça amarela, indígenas ou sem declaração de cor ou raça.
 Fonte: IBGE, PNAD microdados. Tabulações: LAESER

ram expansão de 7% (ou, em 0,4 ponto percentual).

Em 2003, a assimetria entre os pretos & pardos e os brancos em termos da proporção da população abaixo da linha de extrema pobreza era de 150%. A desigualdade presentes entre os dois grupos de cor ou raça se reduziram até o ano de 2011, quando chegaram a 113,9%. Já no ano de 2012, voltaram a subir para 115,5%. Contudo, a elevação mais acentuada da extrema pobreza entre os brancos, na comparação com os pretos & pardos, levou a uma nova redução das assimetrias em 2013, chegando a 101,5%.

Assim, mesmo que se reconheça a evolução positiva percorrida pelo indicador que mede a desigualdade de cor ou raça entre os afetados pela situação de extrema pobreza, observou-se que, em 2013, o indicador entre os pretos & pardos, era o dobro daquele verificado entre os brancos.

Em suma, conquanto seja inequívoco que entre os anos de 2003 e 2013 ocorreu uma queda das assimetrias de cor ou raça no indicador estudado, os dados apresentados pelos pretos & pardos, de um lado, e brancos, de outro, naquele último ano tolgem de algum modo uma

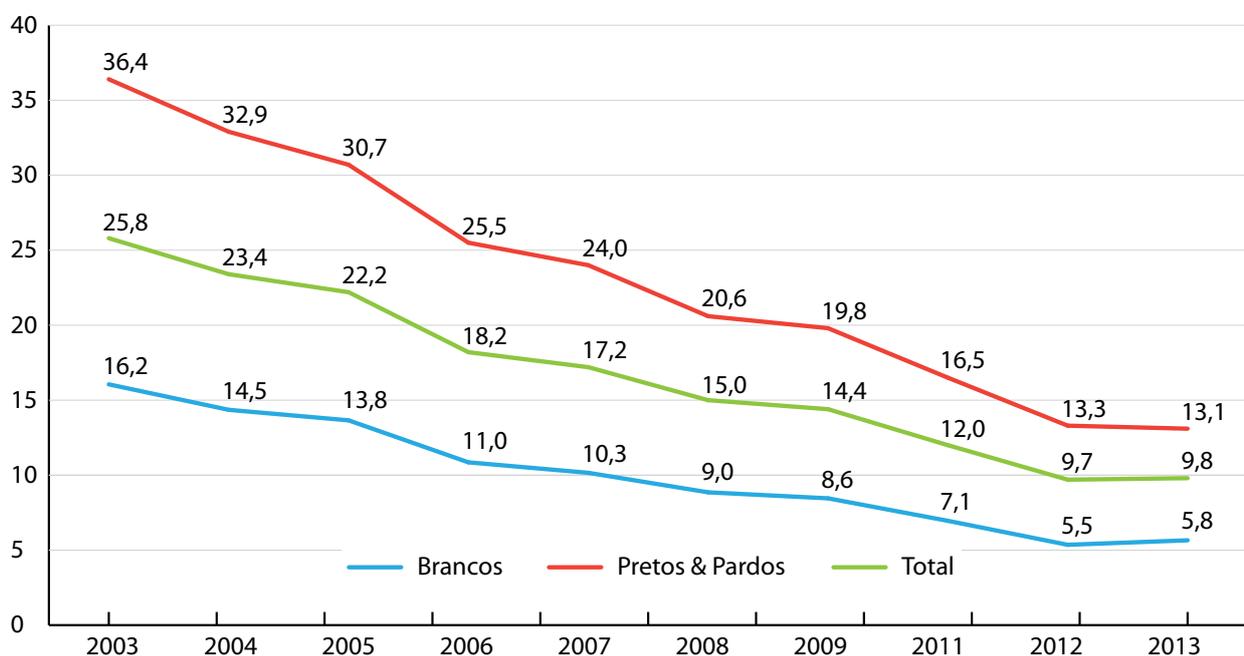
abordagem excessivamente otimista sobre o comportamento deste indicador.

2.c. População abaixo da Linha de Pobreza de acordo com o critério do Plano Brasil Sem Miséria

Entre os anos de 2003 e 2013, o percentual de pobres no total da população residente no Brasil passou de 25,8% (cerca de 44,8 milhões de pessoas) para 9,8% (cerca de 18,6 milhões de pessoas), correspondendo a uma queda em termos relativos de quase 60%. No que tange à evolução da população abaixo da linha de pobreza, verificou-se que, em 2013, em todo o país, 13,1% dos pretos & pardos e 5,8% dos brancos encontravam-se em tal condição.

Assim como ocorreu com o peso da extrema pobreza, entre 2003 e 2013, houve redução do percentual de pobres no Brasil. No caso das pessoas abaixo da linha de pobreza, o ritmo de queda da proporção estudada foi praticamente igual entre os grupos de cor ou raça analisados. Entre os pretos & pardos, a diminuição foi de 63,9%, enquanto para os brancos foi de 64,5%.

Gráfico 2 - População abaixo da Linha da Pobreza, de acordo com o Plano Brasil Sem Miséria, segundo os grupos de cor ou raça, Brasil, 2003-2013 (em %)



Nota 1: Valores de referência do Decreto nº 7.492, de 2 de junho de 2011, que institui o Plano Brasil Sem Miséria, deflacionados para o mês de setembro de cada ano da série.
 Nota 2: Para o cálculo foi utilizada a renda mensal familiar per capita, assim como definido no Art. 2º, par. único, do Decreto nº 7.492.
 Nota 3: Foram excluídos os indivíduos sem declaração de renda mensal familiar per capita.
 Nota 4: A população total inclui as pessoas de cor ou raça amarela, indígenas ou sem declaração de cor ou raça.
 Fonte: IBGE, PNAD microdados. Tabulações: LAESER

Em comparação com o ano de 2012, em 2013, o percentual de pobres no total da população manteve-se inalterado (com uma pequena variação positiva de 0,1 ponto percentual). Entre os brancos, o peso das pessoas abaixo da linha de pobreza se elevou em 0,3 ponto percentual, enquanto se reduziu em 0,2 ponto percentual para a população preta & parda.

Não foi possível identificar um comportamento uniforme das assimetrias de cor ou raça referente à proporção da população abaixo da linha de pobreza. No intervalo entre 2003 e 2013, as assimetrias entre pretos & pardos, de um lado, e brancos, de outro, se elevaram em quase 4 pontos percentuais: de 124,2%, em 2003, para 128%, em 2013.

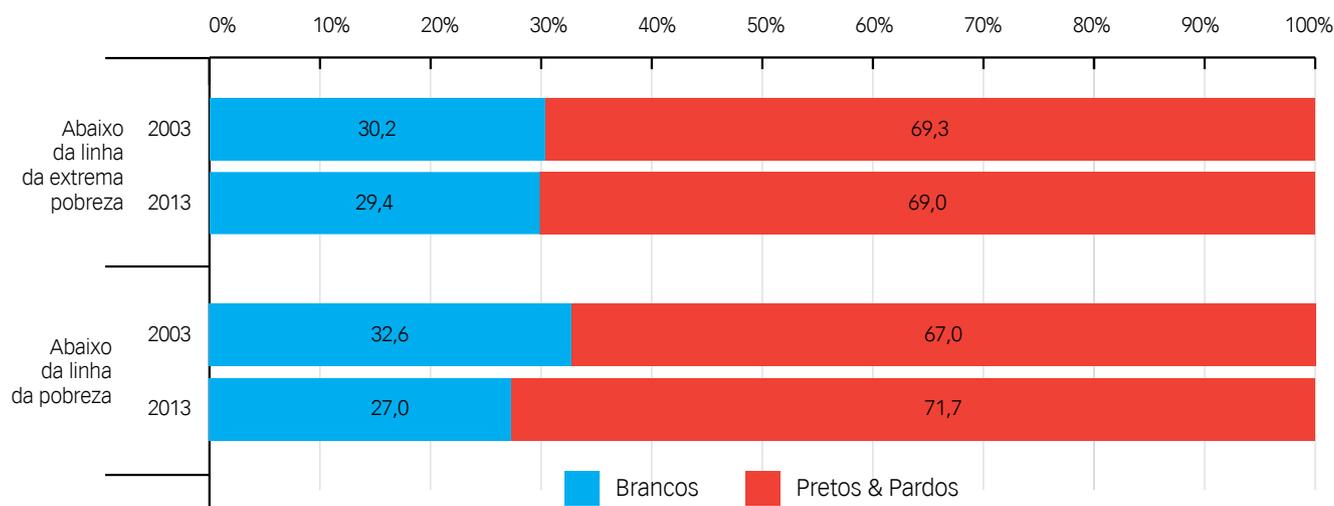
Observando os vários pontos da série, as assimetrias se elevaram entre 2003 e 2004, para sucessivamente caírem em 2005, e voltarem a subir em 2006 e 2007. No ano de 2008, a desigualdade entre brancos e pretos & pardos se reduziu novamente, mas já em 2009 houve nova elevação, que se manteve até 2012, quando as assimetrias entre os dois grupos chegaram a 139,2%. Já em 2013, a desigualdade caiu outra vez, em 11 pontos percentuais, em comparação ao ano imediatamente anterior.

A ausência de um padrão uniforme na última década no movimento das desigualdades de cor ou raça em termos da taxa da população abaixo da linha de pobreza pouco permite inferir sobre a tendência deste indicador. Acompanhando o movimento dos indicadores de extrema pobreza, certamente, observou-se uma tendência à queda para ambos os grupos nos últimos 10 anos. Contudo, o ritmo dessemelhante deste movimento para brancos e pretos & pardos nos diferentes anos da série mostraram uma instabilidade na queda das assimetrias do índice de pobreza.

De qualquer forma, vale notar que, em 2013, o percentual de pretos & pardos abaixo da linha de pobreza era mais que o dobro daquele, verificado no mesmo indicador para a população branca. Do mesmo modo, é digno de nota que o indicador dos pretos & pardos, em 2013, era apenas ligeiramente inferior ao percentual de brancos na mesma condição no ano de 2005, ou seja, há 8 anos atrás.

2.d. Composição de cor ou raça da população abaixo da Linha de Extrema Pobreza e de Pobreza

Gráfico 3 - Composição de acordo com os grupos de cor ou raça da população abaixo da Linha da Extrema Pobreza e da Pobreza, de acordo com o Plano Brasil Sem Miséria, Brasil, 2003-2013 (em %)



Nota 1: Valores de referência do Decreto nº 7.492, de 2 de junho de 2011, que institui o Plano Brasil Sem Miséria, deflacionados para o mês de setembro de cada ano da série.

Nota 2: Para o cálculo foi utilizada a renda mensal familiar per capita, assim como definido no Art. 2º, par. único, do Decreto nº 7.492.

Nota 3: Foram excluídos os indivíduos sem declaração de renda mensal familiar per capita.

Nota 4: A diferença entre a soma dos brancos e dos pretos & pardos e o 100% é dada pelas pessoas de cor ou raça amarela, indígenas ou sem declaração de cor ou raça.

Fonte: IBGE, PNAD microdados. Tabulações: LAESER

Quando se analisa o peso relativo dos pretos & pardos entre a população residente (aqui chamado de composição de cor ou raça) que está abaixo das Linhas de Extrema Pobreza e de Pobreza, é necessário que haja um alerta preliminar.

No último período, ocorreu um progressivo aumento deste grupo de cor ou raça entre os que respondem às pesquisas demográficas. Assim, entre 2003 e 2013 o grupo dos pretos & pardos ampliou sua presença relativa entre os residentes no Brasil no entorno de 6 pontos percentuais⁴. Como tal, assim como outros indicadores, os que mensuram a proporção de pretos & pardos no contingente dos extremamente pobres e pobres deve ser lido à luz desta informação.

Em 2013, em todo o Brasil, o peso relativo da população preta & parda abaixo da linha da extrema pobreza era de 69%. Em 2003, dez anos antes, o mesmo percentual era de 69,3%. Já os brancos representavam 29,4% do total de extremamente pobres, em 2013; e 30,2%, em 2003.

Desta forma, mesmo que anteriormente tivesse sido observado um ritmo de queda da condição de extrema pobreza mais intenso entre os pretos & pardos do que entre os brancos, e conseqüentemente, uma redução nas desigualdades de cor ou raça, ao observar a parti-

cipação dos grupos de cor ou raça no interior da população em condição de extrema pobreza, verificou-se que a participação relativa da população preta & parda manteve-se inalterada entre 2003 e 2013.

Já no caso da população abaixo da linha de pobreza, o peso dos pretos & pardos se elevou na última década. Assim, se a participação relativa deste grupo era igual a 67% em 2003; no último ano da série, seu peso relativo se elevou para 71,7%. De forma contrária, a participação dos brancos no total da população pobre se reduziu, entre 2003 e 2013, em 5,6 pontos percentuais, de 32,6% para 27%.

2.e. Considerações conclusivas sobre o problema das desigualdades de cor ou raça nos indicadores de pobreza e de extrema pobreza

Os indicadores analisados ao longo desta seção do "Tempo em Curso" sobre a evolução da taxa de extrema pobreza e de pobreza junto à população residente no Brasil fundamentalmente convergem com outros estudos realizados recentemente sobre o mesmo tema. Ou seja, é inequívoco que ocorreu uma redução no percentual de brasileiros que se encontram em

¹ A este respeito ver Tempo em Curso, Vol. 5, ano V, n. 10, Out 2013. http://www.laeser.ie.ufrj.br/PT/tempo%20em%20curso/TEC_Outubro%202013.pdf

situações de extremada carência material, seja em seu nível mais intensivo (indigência ou miséria), seja no menos intensivo (pobreza).

Esta redução se deu por diferentes fatores. Talvez, os mais proeminentes deles tenham sido o grau de enraizamento das políticas governamentais de transferência de renda, especialmente o Programa Bolsa-Família, assim como políticas voltadas ao mercado de trabalho, como a notória valorização do Salário Mínimo.

De qualquer forma, outras tantas variáveis poderiam ser igualmente lembradas. Entre elas, estão a preservação da estabilidade dos preços (fundamental para que os mais pobres possam preservar o poder de compra de seus rendimentos), o aumento da escolaridade e, em um plano mais indireto, a redução na taxa da natalidade observada no período, que resulta em famílias potencialmente menores e, conseqüentemente, uma provável maior renda familiar per capita.

De fato, em termos da formulação das políticas públicas, conquanto nem sempre evidenciado, há um debate que discute se a redução da pobreza pode ser creditado às políticas puramente universais e qual seria o papel que as políticas de igualdade racial poderiam desempenhar no mesmo sentido. Contudo, uma vez reconhecendo a importância da discussão, cabe salientar que são razoáveis as leituras que veem tal dilema como uma falsa questão.

Se é bem verdade que as políticas públicas universais inevitavelmente terão algum grau de incidência sobre o conjunto dos grupos de cor ou raça, por outro lado, o modelo de relações raciais presentes no Brasil, e os papéis sociais destinados aos mesmos grupos no interior da sociedade brasileira, igualmente se mesclam com as estruturas socioeconômicas do país. Deste modo, uma vez que se reconheça a existência das diferentes probabilidades de ocupação da pirâmide social segundo os grupos de cor ou raça, uma política de igualdade racial deve ser capaz de mesclar simultaneamente aspectos universais e focalizados em prol da população afrodescendente.

Decerto o Programa Bolsa-Família e a política de valorização do Salário Mínimo tiveram um evidente efeito sobre a redução das desigualdades de cor ou raça no Brasil. Porém, os dados debatidos ao longo desta edição igualmente sugerem que estas ações, meritórias que sejam, uma vez limitadas a elas mesmas, não têm condições de nivelar plenamente as condições de

vida entre brancos e pretos & pardos. O fato é que, em 2013, mesmo com todos os avanços recentes, as taxas de extrema pobreza e de pobreza dos indivíduos do segundo grupo seguem sendo mais que o dobro, em termos proporcionais, daquelas verificadas para os indivíduos do primeiro grupo.

Igualmente, é relevante uma reflexão sobre problemas derivados deste debate, especialmente quando se colocam em tela as definições usuais de mensuração da pobreza, seja em seus níveis mais extremados ou não. Assim, se é verdade que a construção metodológica das Linhas de Indigência e Pobreza são usualmente realizadas em sólidas bases conceituais, é importante refletir se este indicador tem pleno poder descritivo do significado de pobreza.

Parece que na evolução do debate sobre pobreza no Brasil começam a se constituir vozes que questionam a unilateralidade das construções de Linhas fundadas apenas no aspecto monetário, sem levar em conta outras tantas situações que podem fazer com que um indivíduo, um grupamento social, ou os grupos de cor ou raça, possam se ver em graves situações de privação, que vão além do plano puramente nutricional ou material.

Estar protegido ou exposto à violência, ou à violência policial; ter ou não ter acesso às mídias para expressar demandas sociais, políticas e culturais; ter acesso aos recursos culturais e recreativos; estar protegido ou exposto à discriminação de cor ou raça e de gênero. Enfim, não parece ser difícil reconhecer que estes aspectos da vida também se articulam com as tantas dimensões que a palavra pobreza pode assumir. E, infelizmente, este aspecto multidimensional muito frequentemente escapa às metodologias usualmente empregadas para se mensurar o indicador.

3. Evolução do rendimento habitual médio do trabalho principal (tabela I)

Em setembro de 2014, o rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada de ambos os sexos residente nas seis maiores RMs foi igual a R\$ 2.067,15. Houve elevação no indicador de 0,1% em relação a agosto do mesmo ano e de 1,5% na comparação com setembro de 2013.

O rendimento médio da PEA branca de ambos os sexos foi de R\$ 2.547,81 em setembro de 2014. Para a mesma data, o indicador da PEA preta & parda de ambos os sexos foi igual a R\$ 1.466,31.

Observou-se aumento de 0,9% para o rendimento da PEA branca e queda de 0,8% para aquele referente à PEA preta & parda, em relação a agosto de 2014. Na comparação anual, a PEA branca teve aumento de rendimento de 1,9% e, o rendimento da PEA preta & parda, manteve-se estável.

Na comparação com agosto de 2014, o rendimento médio da PEA branca masculina variou positivamente 0,6%, enquanto o rendimento dos homens pretos & pardos teve variação negativa de 0,9% no mesmo período. Entre setembro de 2013 e setembro de 2014, os homens brancos experimentaram aumento no indicador de 0,2%. O mesmo indicador dos homens pretos & pardos caiu 0,5%.

Para a PEA feminina, notou-se elevação de 1,5% no indicador das mulheres brancas e retração de 0,7% para as mulheres pretas & pardas, em comparação a agosto de 2014. Em relação a setembro de 2013, o rendimento aumentou 4,6%, para as trabalhadoras brancas, e 0,4% para as trabalhadoras pretas & pardas.

O rendimento médio da PEA branca de ambos os sexos era 73,8% superior ao da PEA preta & parda de ambos os sexos, em setembro de 2014. Em referência ao mês de agosto de 2014, a assimetria de cor ou raça aumentou 2,8 pontos percentuais. A desigualdade subiu 3,2 pontos percentuais na comparação com setembro de 2013.

A diferença no rendimento dos homens alcançou 74,9%, favorável aos brancos, em setembro de 2014. Comparativamente a agosto de 2014, houve aumento de 2,6 pontos percentuais na desigualdade. Em relação a setembro de 2013, a assimetria aumentou 1,2 ponto percentual.

Já a diferença no rendimento das mulheres chegou a 75% em setembro de 2014. Houve crescimento na desigualdade de rendimentos em 3,7 pontos percentuais em relação a agosto do mesmo ano. Na comparação com setembro de 2013, a diferença cresceu 7,1 pontos percentuais.

Em setembro de 2014, a diferença entre os rendimentos dos homens brancos e das mulheres pretas & pardas era igual a 135,4%. Para o mesmo período, as mulheres brancas possuíam rendimentos 30,1% mais elevados que os homens pretos & pardos.

4. Evolução da taxa de desemprego aberto (tabela II)

A taxa de desemprego da PEA total de ambos os sexos

residente nas seis maiores RMs foi igual a 4,9% em setembro de 2014. Observou-se declínio de 0,1 ponto percentual na comparação com agosto do mesmo ano e queda de 0,5 ponto percentual em relação a setembro de 2013.

Para a PEA branca de ambos os sexos, a taxa de desemprego foi igual a 4,2%, e, para a PEA preta & parda, a 5,8%. Em relação a agosto de 2014, houve queda de 0,2 ponto percentual para a PEA branca. Já para a PEA preta & parda, a taxa de desemprego permaneceu estável.

Entre setembro de 2013 e setembro de 2014, o indicador caiu 0,3 ponto percentual, no caso da PEA branca, e 0,8 pontos percentual para a PEA preta & parda.

A taxa de desemprego dos homens brancos declinou 0,3 ponto percentual, e a dos homens pretos & pardos caiu 0,1 ponto percentual em relação a agosto de 2014. Na comparação anual, houve retração de 0,1 e 0,8 ponto percentual, para os homens brancos e pretos & pardos, respectivamente.

Notou-se variação negativa de 0,2 ponto percentual na taxa de desemprego das mulheres brancas, relativamente a agosto de 2014. Para igual período, a taxa das trabalhadoras pretas & pardas cresceu 0,1 ponto percentual.

Em relação a setembro de 2013, as mulheres brancas e as mulheres pretas & pardas experimentaram queda nas suas taxas de desemprego de 0,5 e 0,7 ponto percentual, respectivamente.

5. Evolução da taxa de desemprego por grupos de idade (XXII e XXIII)

A taxa de desemprego da PEA total de ambos os sexos entre 10 e 16 anos era igual a 26,0%, em setembro de 2014. Na comparação com setembro de 2013, houve elevação de 1,9 pontos percentuais no indicador para este grupo.

Para esta mesma faixa etária, verificou-se que a taxa de desemprego dos brancos de ambos os sexos e dos pretos & pardos de ambos os sexos era de, respectivamente, 22,8% e 28,5%, em setembro de 2014. Houve, portanto, aumento de 8 pontos percentuais no indicador da PEA branca para este grupo, e queda de 3 pontos percentuais no indicador da PEA preta & parda.

Em setembro de 2014, a taxa de desemprego dos homens brancos entre 10 e 16 anos subiu 3,5 pontos percentuais, comparativamente a setembro de 2013. Já a taxa dos trabalhadores pretos & pardos do sexo mas-

culino da mesma categoria caiu 4,6 pontos percentuais.

As trabalhadoras brancas de igual faixa etária experimentaram elevação de 13 pontos percentuais no indicador, enquanto as trabalhadoras pretas & pardas obtiveram queda de 1 ponto percentual⁵.

Para a PEA entre 17 e 24 anos, a taxa de desemprego foi igual a 13,1% em setembro de 2014, de modo que houve queda de 0,5 ponto percentual na comparação com setembro de 2013.

Para a mesma data de referência, os brancos de ambos os sexos dessa mesma faixa etária possuíam taxa de desemprego de 11,8%, enquanto aquela verificada para os pretos & pardos era de 14,4%. No período compreendido entre setembro de 2013 e setembro de 2014, a taxa se elevou em 0,5 ponto percentual para os brancos e decaiu 1,3 ponto percentual para os pretos & pardos.

Os homens brancos tiveram aumento de 1 ponto percentual em relação a setembro de 2013, já os homens pretos & pardos, queda de 1,6 pontos percentuais. As trabalhadoras brancas do mesmo grupo etário experimentaram ligeiro declínio de 0,1 ponto percentual no indicador, enquanto as mulheres pretas & pardas obtiveram queda um pouco mais acentuada, de 0,7 ponto percentual.

No caso da PEA total entre 25 e 40 anos, houve redução de 0,7 ponto percentual na taxa de desemprego, e o indicador alcançou 4,5% em setembro de 2014. Para o mesmo período de referência, o indicador da PEA branca de ambos os sexos caiu 0,6 ponto percentual, chegando a 3,8%. Também houve diminuição na taxa da PEA preta & parda de ambos os sexos: a mesma declinou 0,8 ponto percentual, e o indicador chegou a 5,3% em setembro de 2014.

Ainda para o grupo etário de 25 a 40 anos, a taxa de desemprego dos homens brancos caiu 0,4, assim como se reduziu em 0,7 ponto percentual aquela verificada para os homens pretos & pardos. No caso das mulheres, também houve retração no indicador: a mesma foi de 0,8 ponto percentual para as brancas e de 0,9 ponto percentual para as pretas & pardas.

No que se refere à PEA total entre 41 e 64 anos, notou-se diminuição de 0,2 ponto percentual na taxa de desemprego, comparativamente a setembro de 2013,

fazendo com que a mesma chegasse a 2,4% em setembro de 2014. O mesmo indicador alcançou 2,1% para a PEA branca de ambos os sexos na data de referência, variando negativamente em 0,1 ponto percentual. No caso da PEA preta & parda de ambos os sexos, a taxa de desemprego do grupo de 41 a 64 anos era igual a 2,7% em setembro de 2014, também tendo variado 0,1 ponto percentual negativo em relação ao ano anterior.

A variação no indicador dos homens brancos pertencentes a mesma faixa etária foi de 0,1 ponto percentual negativo. Os homens pretos & pardos experimentaram queda de 0,4 ponto percentual. Para as mulheres brancas, a redução foi igual a 0,1 ponto percentual, e para as pretas & pardas, houve elevação de 0,2 ponto percentual.

A taxa de desemprego da PEA com mais de 65 anos foi de 0,9% em setembro de 2014, se mantendo estável em relação a setembro de 2013. O indicador da PEA branca se elevou 0,2 ponto percentual, alcançando 0,8%, em setembro de 2014. Já a taxa da PEA preta & parda com mais de 65 anos caiu 0,2 ponto percentual, e era igual a 1,0% na data de referência.

Desagregando pelos grupos de sexo, notou-se que a taxa de desemprego dos homens brancos na mesma faixa etária aumentou 0,3 ponto percentual em relação a setembro de 2013, e a dos homens pretos & pardos, 0,1 ponto percentual. O indicador das mulheres brancas de 65 anos ou mais se manteve estável e, no caso das mulheres pretas & pardas, houve queda de 0,2 ponto percentual.

A partir das breves observações realizadas nesta seção, foi possível notar que, entre setembro de 2013 e setembro de 2014, a taxa de desemprego total se reduziu para todos os grupos etários, à exceção daquele mais jovem, entre 10 a 16 anos. A taxa de desemprego mostrou-se sempre decrescente na medida em que as faixas etárias se tornavam mais elevadas.

Ainda assim, para todas as faixas analisadas, os pretos & pardos possuíam taxas de desemprego superiores a dos brancos. Neste caso, a desigualdade mais expressiva aparecia no grupo de 10 a 16 anos, com uma diferença de 5,7 pontos percentuais entre os dois grupos de ambos os sexos. Em contrapartida, a menor assimetria ocorria para aqueles de 65 anos ou mais, para os quais a diferença chegava a 0,4 ponto percentual.

⁵ O indicador da taxa de desemprego para a faixa etária de 10 a 16 anos deve ser analisado com cautela. Uma vez que a amostra para este contingente é reduzida, os dados podem apresentar variações percentuais de grande magnitude que não necessariamente refletem a realidade.

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Prof. Marcelo Paixão, Irene Rossetto, Elisa Monçores e Elaine Carvalho

Pesquisadores Assistentes

Elaine Carvalho
Elisa Monçores

Colaboradoras

Irene Rossetto

Bolsista de iniciação científica

Daniel Vainfas

Editoração

Erlan Carvalho

Apoio

Fundação Ford



FORDFOUNDATION

Na Linha de Frente das Mudanças Sociais

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Prof. Marcelo Paixão

Pesquisadores Assistentes

Prof. Cleber Lázaro Julião Costa
Elaine Carvalho
Elisa Monçores

Colaboradores

Prof.^a Azoilda Loretto
Irene Rossetto Giaccherino
Prof. José Jairo Vieira

Bolsistas de iniciação científica

Clésio Lacerda (Fundação Ford)
Daniel Vainfas (Fundação Ford)

Secretária

Luisa Maciel

Anexo I. Síntese estatística: indicadores representativos sobre desigualdades de cor ou raça no mercado de trabalho brasileiro

Tabela I. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, set / 13 – set / 14 (em R\$, set / 14 - INPC)

	2013				2014								
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Homens Brancos	2.890,75	2.888,84	2.925,13	2.916,52	2.914,18	2.977,24	2.977,79	2.929,44	2.953,17	2.860,81	2.851,58	2.879,54	2.895,78
Mulheres Brancas	2.058,78	2.071,74	2.153,91	2.125,85	2.147,18	2.137,52	2.095,54	2.116,80	2.096,98	2.094,61	2.086,94	2.121,58	2.153,32
Brancos	2.501,51	2.504,40	2.563,37	2.546,07	2.555,87	2.588,58	2.570,35	2.551,67	2.552,72	2.501,02	2.492,20	2.526,11	2.547,81
Homens Pretos & Pardos	1.663,78	1.636,43	1.643,27	1.633,34	1.658,40	1.665,03	1.667,95	1.676,77	1.690,71	1.682,47	1.665,43	1.670,85	1.655,28
Mulheres Pretas & Pardas	1.225,85	1.219,97	1.242,24	1.256,45	1.233,84	1.236,03	1.246,74	1.229,16	1.250,74	1.247,91	1.226,21	1.238,40	1.230,34
Pretos & Pardos	1.466,83	1.450,60	1.464,35	1.463,09	1.465,97	1.473,25	1.480,57	1.476,25	1.492,23	1.484,93	1.466,04	1.477,84	1.466,31
PEA Total	2.035,66	2.032,99	2.072,77	2.057,93	2.062,79	2.078,33	2.071,52	2.059,06	2.064,96	2.034,88	2.031,25	2.064,82	2.067,15

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela II. Taxa de desemprego aberto da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, set / 13 – set / 14 (em % da PEA total)

	2013				2014								
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Homens Brancos	3,7	3,5	3,1	2,9	3,3	3,9	3,7	3,7	3,7	3,7	3,9	3,9	3,6
Mulheres Brancas	5,2	4,9	4,4	4,2	4,3	5,3	5,5	5,0	4,9	4,8	4,9	4,9	4,8
Brancos	4,5	4,2	3,7	3,5	3,8	4,5	4,5	4,3	4,2	4,2	4,3	4,4	4,2
Homens Pretos & Pardos	5,4	5,0	4,7	4,2	4,9	4,4	4,1	4,1	4,5	4,3	4,3	4,6	4,5
Mulheres Pretas & Pardas	8,0	7,9	7,1	6,7	7,0	7,5	7,4	7,2	6,9	6,8	7,0	7,1	7,3
Pretos & Pardos	6,5	6,3	5,8	5,3	5,9	5,8	5,6	5,5	5,6	5,5	5,6	5,8	5,8
PEA Total	5,4	5,2	4,6	4,3	4,8	5,1	5,0	4,9	4,9	4,8	4,9	5,0	4,9

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela III. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada, seis maiores Regiões Metropolitanas, Brasil, set / 13 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Homens Brancos	2.141,23	3.358,13	3.301,02	3.169,51	2.876,23	2.348,86
Mulheres Brancas	1.765,31	2.301,54	2.032,96	2.315,64	2.048,10	1.742,07
Branco	1.952,25	2.855,58	2.692,18	2.776,54	2.489,56	2.066,67
Homens Pretos & Pardos	1.438,54	1.531,04	1.761,14	1.798,52	1.656,30	1.429,26
Mulheres Pretas & Pardas	1.042,03	1.158,26	1.217,31	1.359,64	1.215,56	1.182,31
Pretos & Pardos	1.265,32	1.355,66	1.511,21	1.606,13	1.459,35	1.309,04
PEA Total	1.480,96	1.567,70	2.002,86	2.192,99	2.137,38	1.984,04

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela IV. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada, seis maiores Regiões Metropolitanas, Brasil, set / 14 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Homens Brancos	2.341,53	3.078,80	3.092,85	3.398,57	2.780,31	2.506,73
Mulheres Brancas	1.732,04	2.089,24	2.142,31	2.559,91	2.084,54	1.878,11
Branco	2.050,36	2.588,37	2.631,13	3.010,07	2.454,09	2.217,52
Homens Pretos & Pardos	1.509,19	1.452,71	1.764,07	1.785,11	1.648,32	1.490,11
Mulheres Pretas & Pardas	1.131,71	1.094,11	1.221,89	1.375,74	1.219,24	1.266,78
Pretos & Pardos	1.343,09	1.280,13	1.521,05	1.607,74	1.462,29	1.383,88
PEA Total	1.590,52	1.471,82	1.949,50	2.332,63	2.131,67	2.109,79

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela V. Taxa de desemprego aberto da PEA residente, seis maiores Regiões Metropolitanas, Brasil, set / 13 (em % da PEA total)

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Homens Brancos	5,0	6,0	3,4	2,6	4,5	2,6
Mulheres Brancas	4,4	9,2	4,3	5,0	5,8	3,9
Branco	4,7	7,5	3,8	3,7	5,1	3,2
Homens Pretos & Pardos	5,2	7,2	4,5	3,7	6,3	4,5
Mulheres Pretas & Pardas	7,7	12,1	5,7	6,8	8,1	4,9
Pretos & Pardos	6,3	9,6	5,0	5,1	7,1	4,7
PEA Total	5,8	9,3	4,5	4,4	5,8	3,4

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela VI. Taxa de desemprego aberto da PEA residente, seis maiores Regiões Metropolitanas, Brasil, set / 14 (em % da PEA)

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Homens Brancos	4,7	7,7	3,9	2,2	3,9	3,8
Mulheres Brancas	7,2	14,1	2,7	3,5	4,8	5,4
Brancos	5,9	11,0	3,3	2,8	4,3	4,6
Homens Pretos & Pardos	6,0	8,5	3,7	2,8	3,9	6,4
Mulheres Pretas & Pardas	8,3	12,0	4,7	5,9	6,5	7,4
Pretos & Pardos	7,0	10,2	4,2	4,1	5,0	6,9
PEA Total	6,7	10,3	3,8	3,4	4,5	4,9

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela VII. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs desagregada por ramo de atividade, Brasil, set / 13 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Indústria	Construção	Comércio	Serviços Financeiros	Administração Pública	Serviços Domésticos	Outros Serviços
Homens Brancos	2.947,09	2.200,24	2.237,25	3.468,59	4.249,55	1.378,31	2.486,68
Mulheres Brancas	1.784,14	2.838,69	1.495,84	2.608,72	2.775,07	871,24	1.644,45
Brancos	2.504,66	2.261,44	1.914,94	3.079,56	3.279,64	900,35	2.135,27
Homens Pretos & Pardos	1.832,02	1.327,48	1.378,06	1.789,63	2.534,63	850,08	1.602,73
Mulheres Pretas & Pardas	1.137,36	1.430,55	1.022,92	1.403,37	1.785,84	823,53	1.086,79
Pretos & Pardos	1.590,10	1.333,15	1.227,98	1.624,41	2.063,29	824,40	1.383,02
PEA Total	2.125,24	1.726,89	1.597,27	2.499,67	2.813,03	854,00	1.787,05

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela VIII. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs desagregada por ramo de atividade, Brasil, set / 14 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Indústria	Construção	Comércio	Serviços Financeiros	Administração Pública	Serviços Domésticos	Outros Serviços
Homens Brancos	2.798,09	2.211,44	2.225,11	3.694,37	4.216,70	1.288,73	2.445,47
Mulheres Brancas	1.892,40	3.549,47	1.558,20	2.517,34	2.965,89	940,97	1.789,80
Brancos	2.459,79	2.337,58	1.929,70	3.167,24	3.393,80	960,99	2.174,49
Homens Pretos & Pardos	1.765,33	1.412,44	1.469,78	1.672,47	2.521,23	996,30	1.556,52
Mulheres Pretas & Pardas	1.203,26	1.530,11	1.035,74	1.321,07	1.791,46	836,96	1.090,61
Pretos & Pardos	1.575,71	1.418,98	1.286,06	1.531,68	2.061,86	847,46	1.357,39
PEA Total	2.104,31	1.823,00	1.640,38	2.537,10	2.877,39	892,08	1.786,14

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela IX. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs desagregada por posição na ocupação, Brasil, set / 13 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Emprego Doméstico com Carteira	Emprego Doméstico sem Carteira	Emprego com Carteira no Setor Privado	Emprego sem Carteira no Setor Privado	Emprego com Carteira no Setor Público	Emprego sem Carteira no Setor Público	Militar ou Funcionário Público	Trabalhador por Conta Própria	Empregador
Homens Brancos	1.397,94	1.347,75	2.506,58	2.164,07	4.616,85	2.993,16	4.446,58	2.422,63	6.156,80
Mulheres Brancas	993,83	777,67	1.938,22	1.626,26	2.597,08	1.934,16	3.541,27	1.704,88	4.238,86
Brancos	1.025,73	800,65	2.251,00	1.946,68	3.550,92	2.331,63	3.923,54	2.124,75	5.579,19
Homens Pretos & Pardos	984,37	638,84	1.529,34	1.127,49	2.332,94	1.698,76	3.124,89	1.445,83	3.938,47
Mulheres Pretas & Pardas	938,08	742,96	1.238,68	930,43	1.675,04	1.471,82	2.403,99	984,22	2.429,05
Pretos & Pardos	940,28	740,68	1.416,33	1.044,69	1.983,10	1.549,34	2.758,64	1.267,66	3.480,48
PEA Total	974,12	763,87	1.875,81	1.528,19	3.020,21	1.996,31	3.460,80	1.724,70	4.932,36

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela X. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs desagregada por posição na ocupação, Brasil, set / 14 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Emprego Doméstico com Carteira	Emprego Doméstico sem Carteira	Emprego com Carteira no Setor Privado	Emprego sem Carteira no Setor Privado	Emprego com Carteira no Setor Público	Emprego sem Carteira no Setor Público	Militar ou Funcionário Público	Trabalhador por Conta Própria	Empregador
Homens Brancos	1.423,53	904,74	2.485,19	1.956,56	4.470,23	3.085,91	4.491,40	2.487,79	6.363,79
Mulheres Brancas	1.053,46	857,51	1.962,48	1.518,00	3.299,51	2.194,12	3.771,71	1.802,29	4.943,31
Brancos	1.088,98	858,78	2.253,85	1.756,95	3.828,58	2.466,88	4.076,14	2.209,09	5.945,89
Homens Pretos & Pardos	1.212,15	780,05	1.526,85	1.152,24	2.552,81	1.649,74	3.127,09	1.473,44	3.499,40
Mulheres Pretas & Pardas	969,95	743,28	1.254,25	953,34	1.655,63	1.367,56	2.520,10	947,46	2.334,59
Pretos & Pardos	989,01	745,37	1.419,98	1.072,55	2.034,03	1.461,17	2.827,50	1.270,76	3.214,28
PEA Total	1.029,73	788,91	1.886,03	1.437,74	3.116,39	2.048,07	3.596,59	1.773,18	5.162,10

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XI. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs desagregada por faixas de escolaridade, Brasil, set / 13 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	De 1 a 3 anos de estudo	De 4 a 7 anos de estudo	De 8 a 10 anos de estudo	11 ou mais anos de estudo
Homens Brancos	1.370,55	1.265,27	1.507,27	1.590,71	3.549,05
Mulheres Brancas	986,70	847,98	885,57	976,50	2.437,95
Brancos	1.239,08	1.093,23	1.250,50	1.345,38	3.000,28
Homens Pretos & Pardos	1.108,21	1.027,97	1.223,85	1.274,70	2.075,94
Mulheres Pretas & Pardas	702,07	716,78	821,62	888,50	1.492,91
Pretos & Pardos	927,35	909,07	1.062,08	1.114,70	1.793,75
PEA Total	1.038,11	980,56	1.142,21	1.220,14	2.532,46

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XII. Rendimento real médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs desagregada por faixas de escolaridade, Brasil, set / 14 (em R\$, set / 14 - INPC)

	Sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	De 1 a 3 anos de estudo	De 4 a 7 anos de estudo	De 8 a 10 anos de estudo	11 ou mais anos de estudo
Homens Brancos	1.301,94	1.312,49	1.507,69	1.566,56	3.498,07
Mulheres Brancas	802,88	829,46	930,28	1.027,12	2.516,89
Brancos	1.066,58	1.120,46	1.269,54	1.353,61	3.014,81
Homens Pretos & Pardos	1.122,75	1.092,70	1.236,03	1.293,74	2.008,06
Mulheres Pretas & Pardas	698,07	763,18	808,33	904,10	1.484,12
Pretos & Pardos	960,46	953,93	1.061,56	1.135,70	1.760,00
PEA Total	1.001,19	1.016,23	1.149,74	1.233,85	2.534,44

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.
Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XIII. Composição da massa de rendimento real habitual de todos os trabalhos recebida pela PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, set / 13 e set / 14 (em %)

	2013	2014	Varição da massa real
Homens Brancos	40,2	40,3	0,0
Mulheres Brancas	25,3	26,5	1,2
Brancos	65,6	66,8	1,2
Homens Pretos & Pardos	20,4	19,8	-0,5
Mulheres Pretas & Pardas	12,4	11,9	-0,5
Pretos & Pardos	32,7	31,7	-1,0
PEA Total	100,0	100,0	-

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.
Nota 2: Massa de rendimento deflacionada para R\$ set / 14 - INPC
Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XIV. Distribuição da PEA desempregada residente nas seis maiores RMs, por tempo de duração da procura por emprego, Brasil, set / 13 (em % PEA desempregada)

	Até 30 dias	De 1 a 6 meses	De 7 a 11 meses	De 12 a 24 meses	Mais de 24 meses	Total
Homens Brancos	20,4	51,5	9,0	12,2	6,9	100,0
Mulheres Brancas	20,2	53,4	11,0	8,6	6,8	100,0
Brancos	20,3	52,5	10,1	10,2	6,8	100,0
Homens Pretos & Pardos	24,8	53,8	10,0	7,7	3,8	100,0
Mulheres Pretas & Pardas	21,3	51,5	10,0	8,5	8,5	100,0
Pretos & Pardos	22,9	52,5	10,0	8,2	6,4	100,0
PEA Total	21,7	52,6	10,0	9,1	6,6	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.
Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XV. Distribuição da PEA desempregada residente nas seis maiores RMs, por tempo de duração da procura por emprego, Brasil, set / 14 (em % PEA desempregada)

	Até 30 dias	De 1 a 6 meses	De 7 a 11 meses	De 12 a 24 meses	Mais de 24 meses	Total
Homens Brancos	20,7	49,5	9,1	12,7	8,0	100,0
Mulheres Brancas	21,0	49,1	11,1	10,5	8,3	100,0
Branco	20,9	49,3	10,2	11,5	8,2	100,0
Homens Pretos & Pardos	25,6	50,6	9,0	9,9	4,9	100,0
Mulheres Pretas & Pardas	23,1	45,4	10,0	10,5	11,0	100,0
Pretos & Pardos	24,2	47,6	9,5	10,3	8,4	100,0
PEA Total	22,6	48,4	9,9	10,9	8,3	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XVI. Taxa de subocupação por falta de tempo de serviço em todos os trabalhos nas seis maiores RMs, Brasil, set / 13 e set / 14 (em % da PEA ocupada)

	2013	2014	Varição
Homens Brancos	6,9	5,8	-1,1
Mulheres Brancas	11,8	8,9	-2,9
Branco	9,2	7,3	-1,9
Homens Pretos & Pardos	14,5	12,2	-2,3
Mulheres Pretas & Pardas	23,4	20,4	-3,0
Pretos & Pardos	18,5	15,8	-2,7
PEA Total	13,5	11,1	-2,3

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XVII. Taxa de subocupação por falta de remuneração em todos os trabalhos nas seis maiores RMs, Brasil, set / 13 e set / 14 (em % da PEA ocupada)

	2013	2014	Varição
Homens Brancos	1,1	0,8	-0,3
Mulheres Brancas	2,0	1,8	-0,2
Branco	1,5	1,3	-0,2
Homens Pretos & Pardos	1,4	1,3	0,0
Mulheres Pretas & Pardas	2,6	2,8	0,1
Pretos & Pardos	1,9	2,0	0,0
PEA Total	1,7	1,6	-0,1

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XVIII. Distribuição da PEA ocupada residente nas seis maiores RMs por posições na ocupação, Brasil, set / 13 (em % da PEA ocupada)

	Emprego Doméstico com Carteira	Emprego Doméstico sem Carteira	Emprego com Carteira no Setor Privado	Emprego sem Carteira no Setor Privado	Emprego com Carteira no Setor Público	Emprego sem Carteira no Setor Público	Militar ou Funcionário Público	Trabalhador por Conta Própria	Empregador	Não remunerado	Total
Homens Brancos	0,3	0,2	53,0	10,2	1,8	1,0	7,2	19,2	7,1	0,1	100,0
Mulheres Brancas	3,7	4,8	49,0	7,8	2,2	1,9	11,1	15,4	3,5	0,6	100,0
Brancos	1,9	2,4	51,1	9,1	2,0	1,4	9,0	17,4	5,4	0,4	100,0
Homens Pretos & Pardos	0,3	0,2	56,8	10,4	1,2	0,7	6,5	20,4	3,4	0,2	100,0
Mulheres Pretas & Pardas	7,1	10,2	44,1	9,2	1,7	1,7	8,2	15,7	1,8	0,4	100,0
Pretos & Pardos	3,4	4,7	51,1	9,8	1,4	1,2	7,2	18,3	2,7	0,2	100,0
PEA Total	2,6	3,4	51,0	9,5	1,7	1,3	8,2	17,9	4,2	0,3	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XIX. Distribuição da PEA ocupada residente nas seis maiores RMs por posições na ocupação, Brasil, set / 14 (em % da PEA ocupada)

	Emprego Doméstico com Carteira	Emprego Doméstico sem Carteira	Emprego com Carteira no Setor Privado	Emprego sem Carteira no Setor Privado	Emprego com Carteira no Setor Público	Emprego sem Carteira no Setor Público	Militar ou Funcionário Público	Trabalhador por Conta Própria	Empregador	Não remunerado	Total
Homens Brancos	0,3	0,1	53,4	8,6	1,9	0,7	7,3	20,5	7,0	0,2	100,0
Mulheres Brancas	3,7	5,0	47,8	8,2	2,6	1,9	11,2	15,8	3,3	0,6	100,0
Brancos	1,9	2,4	50,7	8,4	2,2	1,3	9,1	18,3	5,3	0,4	100,0
Homens Pretos & Pardos	0,5	0,5	55,9	10,0	1,3	0,7	6,3	21,3	3,4	0,2	100,0
Mulheres Pretas & Pardas	6,9	9,9	44,8	8,4	2,3	1,7	7,6	16,6	1,4	0,4	100,0
Pretos & Pardos	3,4	4,7	51,0	9,3	1,7	1,1	6,9	19,2	2,5	0,3	100,0
PEA Total	2,6	3,4	50,8	8,8	2,0	1,2	8,1	18,7	4,1	0,3	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XX. Composição da PEA ocupada residente nas seis maiores RMs por posições na ocupação, Brasil, set / 13 (em % da PEA ocupada)

	Emprego Doméstico com Carteira	Emprego Doméstico sem Carteira	Emprego com Carteira no Setor Privado	Emprego sem Carteira no Setor Privado	Emprego com Carteira no Setor Público	Emprego sem Carteira no Setor Público	Militar ou Funcionário Público	Trabalhador por Conta Própria	Empregador	Não remunerado	Total
Homens Brancos	3,1	1,5	29,3	30,4	28,7	21,4	24,8	30,4	47,2	9,5	28,2
Mulheres Brancas	35,9	35,3	24,0	20,6	32,2	35,8	33,8	21,6	20,3	51,9	25,0
Brancos	39,0	36,8	53,3	51,0	61,0	57,2	58,6	51,9	67,5	61,3	53,2
Homens Pretos & Pardos	3,0	1,4	28,0	27,5	17,8	14,4	19,9	28,7	20,1	13,3	25,1
Mulheres Pretas & Pardas	57,4	61,4	17,8	19,9	20,2	27,5	20,6	18,0	8,7	24,0	20,6
Pretos & Pardos	60,4	62,8	45,8	47,4	38,0	41,9	40,5	46,7	28,8	37,3	45,7
PEA Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XXI. Composição da PEA ocupada residente nas seis maiores RMs por posições na ocupação, Brasil, set / 14 (em % da PEA ocupada)

	Emprego Doméstico com Carteira	Emprego Doméstico sem Carteira	Emprego com Carteira no Setor Privado	Emprego sem Carteira no Setor Privado	Emprego com Carteira no Setor Público	Emprego sem Carteira no Setor Público	Militar ou Funcionário Público	Trabalhador por Conta Própria	Empregador	Não remunerado	Total
Homens Brancos	3,9	1,0	30,1	27,9	26,7	17,5	25,8	31,4	48,8	13,4	28,6
Mulheres Brancas	36,8	37,1	23,9	23,6	32,4	40,1	35,2	21,5	20,3	46,4	25,4
Brancos	40,7	38,1	54,0	51,5	59,0	57,6	61,0	52,9	69,2	59,7	54,1
Homens Pretos & Pardos	4,6	3,5	27,4	28,3	16,4	13,5	19,4	28,4	20,5	13,6	24,9
Mulheres Pretas & Pardas	54,4	57,9	17,7	19,1	22,5	28,4	18,9	17,8	6,6	23,8	20,0
Pretos & Pardos	59,0	61,4	45,1	47,4	38,8	41,8	38,3	46,1	27,1	37,4	44,9
PEA Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XXII. Taxa de desemprego por grupos de idade nas seis maiores RMs, Brasil, set / 13 (em % da PEA total)

	10 a 16 anos	17 a 24 anos	25 a 40 anos	41 a 64 anos	65 anos ou mais	Total
Homens Brancos	13,2	8,6	3,7	2,3	0,7	3,7
Mulheres Brancas	16,9	14,4	5,2	2,2	0,4	5,2
Brancos	14,8	11,3	4,4	2,3	0,6	4,5
Homens Pretos & Pardos	28,5	13,1	4,7	2,4	0,7	5,4
Mulheres Pretas & Pardas	35,7	18,8	7,7	3,4	2,4	8,0
Pretos & Pardos	31,6	15,7	6,1	2,9	1,4	6,5
PEA Total	24,1	13,5	5,2	2,5	0,9	5,4

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XXIII. Taxa de desemprego por grupos de idade nas seis maiores RMs, Brasil, set / 14 (em % da PEA total)

	10 a 16 anos	17 a 24 anos	25 a 40 anos	41 a 64 anos	65 anos ou mais	Total
Homens Brancos	16,7	9,6	3,2	2,2	1,0	3,6
Mulheres Brancas	29,9	14,3	4,5	2,1	0,4	4,8
Brancos	22,8	11,8	3,8	2,1	0,8	4,2
Homens Pretos & Pardos	24,0	11,5	4,0	2,1	0,8	4,5
Mulheres Pretas & Pardas	34,7	18,1	6,8	3,5	1,8	7,3
Pretos & Pardos	28,5	14,4	5,3	2,7	1,2	5,8
PEA Total	26,0	13,1	4,5	2,4	0,9	4,9

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XXIV. Saldo de admissões (admitidos-desligados) no mercado de trabalho formal, Brasil, set / 13 - set / 14 (em número de trabalhadores)

	2013				2014								
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Homens Brancos	36.055	-3.992	-30.514	-168.150	12.622	51.522	-18.794	13.014	-18.696	-27.036	-27.895	-4.977	-523
Mulheres Brancas	32.215	15.081	23.779	-106.621	-17.558	56.377	1.096	15.838	7.801	-7.221	-14.571	12.666	8.577
Brancos	68.270	11.089	-6.735	-274.771	-4.936	107.899	-17.698	28.852	-10.895	-34.257	-42.466	7.689	8.054
Homens Pretos & Pardos	89.363	42.216	-4.014	-122.049	21.751	72.770	7.154	23.422	23.493	24.246	26.532	44.562	64.688
Mulheres Pretas & Pardas	36.196	25.740	44.021	-27.864	-9.214	47.433	17.035	35.998	31.509	24.595	18.749	27.589	29.150
Pretos & Pardos	125.559	67.956	40.007	-149.913	12.537	120.203	24.189	59.420	55.002	48.841	45.281	72.151	93.838
PEA Total	211.068	94.893	47.486	-449.444	29.595	260.823	13.117	105.384	58.836	25.363	11.796	101.425	123.785

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Fonte: MTE, microdados CAGED. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).

Tabela XXV. Taxa de rotatividade no emprego com carteira assinada, Brasil, set / 13 - set / 14 (em %)

	2013				2014								
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Homens Brancos	35,0	35,1	35,1	35,3	35,0	35,0	34,7	34,7	34,7	34,5	34,5	34,2	34,1
Mulheres Brancas	32,4	32,5	32,4	32,5	32,4	32,3	32,2	32,1	32,0	31,8	31,9	31,6	31,6
Branco	34,0	34,1	34,0	34,1	34,0	33,9	33,7	33,6	33,6	33,4	33,4	33,2	33,1
Homens Pretos & Pardos	47,7	47,9	48,1	48,6	48,5	48,6	48,4	48,4	48,6	48,4	48,3	48,0	47,7
Mulheres Pretas & Pardas	33,8	34,1	33,8	34,0	34,2	34,3	34,5	34,5	34,6	34,5	34,6	34,5	34,7
Pretos & Pardos	43,5	43,7	43,6	43,9	43,9	44,0	44,0	44,0	44,1	43,9	43,9	43,7	43,5
PEA Total	38,6	38,8	38,7	38,9	38,8	38,8	38,7	38,6	38,7	38,5	38,6	38,3	38,3

Nota 1: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada.

Nota 2: São desconsiderados desligamentos voluntários, por transferências, aposentadorias ou por falecimento do trabalhador.

Fonte: MTE, microdados CAGED. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso).